
Do impresso ao digital: a convergência presente nas páginas do Jornal Cândido¹

Tamires Limurci dos Santos²
Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

Resumo

O presente artigo é resultado de indagações que surgiram após as discussões sobre os conceitos de convergência para o jornalismo e a midiatização. Como aporte teórico, seguimos os apontamentos históricos apresentados por Salaverría; García Avilés; Masip (2010), a respeito do contexto histórico, além dos entendimentos sobre a midiatização e a presença de um jornalismo especializado veiculado em diferentes formatos de produção e distribuição. Para auxiliar no debate, o trabalho traz como objeto de pesquisa o Jornal Cândido que, desde 2021, passou a ser distribuído de forma inteiramente online pela Biblioteca Pública do Paraná. A partir deste entendimento, buscou-se responder a seguinte questão: qual a importância de manter o formato característico do jornal impresso mesmo com a mudança para a versão definitiva digital?

Palavra-chave: Convergência. Jornalismo Digital. Jornalismo Impresso. Jornal Cândido.

A temática do presente artigo para a disciplina de Jornalismo e Convergência está sendo construída em consonância com a temática a ser discutida futuramente na dissertação em construção. Aqui, é proposto um recorte do Jornal Cândido, objeto de análise do trabalho, em respeito às mudanças presentes na forma de consumo do jornalismo, em sua primeira fase como impresso, para a sequência de uma produção integralmente digital. Essa proposta visa entender qual o sentido da atualidade e de que forma esse material é difundido na mídia digital social, principalmente ao considerar que o periódico não possuiu um espaço de circulação próprio - sendo divulgado no site da Biblioteca Pública do Paraná, organizadora do projeto.

Para isso, o artigo terá como proposta de demonstrar como as mudanças no formato de circulação do periódico, de impresso e digital para exclusivamente digital, alteram as características do processo de pensar o campo jornalístico e o campo literário como resistentes aos aspectos de evolução, principalmente quando consideramos o livro como um produto de massa, que se torna um instrumento de circulação da internet como

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Jornalismo, bolsista CAPES de Demanda Social do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG. E-mail: tamireslimurci@gmail.com.

a manutenção de algo específico. Assim, a questão de pesquisa presente é: Qual a importância de manter o formato característico do jornal impresso mesmo com a mudança para a versão definitiva digital?

A ideia tem como objetivo principal servir como aporte teórico e conceitual para defender a convergência como um conceito de consumo de mídias em diferentes formatos ao mesmo tempo que discute o contexto histórico das características tradicionais do consumo de livros. Além disso, o trabalho também permite apontar como é o funcionamento das mídias referentes à midiatização e as redes sociais digitais do periódico.

Para compreender qual o papel do jornalismo, este trabalho propõe uma análise sobre as diferentes abordagens sobre o conceito de convergência, com enfoque nas transformações históricas do campo. Esse movimento permite estudar também as alterações relativas às mídias digitais. Além disso, procura entender a função desempenhada pelo Jornal Cândido como exemplo de veículo que incorpora, ou não, elementos dessa transformação e permite refletir criticamente sobre ela.

A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica, com base em referências tradicionais dos estudos sobre convergência e jornalismo e em publicações atualizadas a respeito da temática. Essa abordagem visa identificar como o conceito tem sido desenvolvido recentemente e quais as suas aplicações práticas na análise do Jornal Cândido.

O que é a convergência?

Há quem afirme que discutir a convergência no jornalismo se resume à ideia de que todos os meios de comunicação ‘esbarram’ entre si em suas difusões de conteúdo. Não erroneamente, a pressuposição não abrange todos os conceitos de convergência que estão em funcionamento no mundo contemporâneo. Segundo Salaverría; García Avilés; Masip (2010) o termo convergência trata de temáticas atuais, mas ele não é algo novo. “As transformações no ecossistema mediático significam que os meios de comunicação tradicionais têm de se adaptar e renovar face ao surgimento de novos meios interativos,

se quiserem manter a sua sobrevivência e rentabilidade” (Salaverría; García Avilés; Masip, 2010, p. 42)³

No mesmo sentido, para o autor Henry Jenkins, em sua obra “*Cultura da Convergência*” (2009), a convergência existe nos fluxos de informações presentes em diferentes espaços de cooperação entre os produtores midiáticos, seu público consumidor e as suas relações entre cada um desses grupos. Ou seja, para além de um conteúdo estar presente em diferentes mídias com formatos alternativos, a convergência também se apresenta como um processo de transformação cultural, no qual o público também participa da produção de sentido a partir do que é veiculado.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (Jenkins, 2009, p. 29)

Neste sentido, desde seu surgimento, a teoria da convergência no jornalismo passou por diferentes confrontos, sendo eles por conta da sua polissemia, isto é, diferentes significados, seu poliformismo, visto que “não existe um modelo de convergência único que tenha sido (nem possa ser) implementado de forma generalizada” (Salaverría; García Avilés; Masip, 2010, p. 43)⁴, e a sua complexidade. Com isso, a convergência acaba sendo discutida em três principais definições, sendo elas: como produto, como um sistema e como um processo.

Quando considerada como um produto, a convergência refere-se à união entre diferentes formas de mídia. Isso significa a incorporação de conteúdos diversos impulsionados por avanços tecnológicos dirigentes. No caso do Jornal Cândido, por exemplo, entendemos que a convergência como um produto se organiza na forma pela qual existe a funcionalidade de leitura do periódico de forma digital e impressa (disponível até o ano de 2021), com a digital possuindo outros formatos de discussão como hiperlinks.

³ Tradução própria. No original: Las transformaciones en el ecosistema mediático propician que los medios tradicionales tengan que adaptarse y renovarse ante la irrupción de los nuevos medios interactivos, si desean mantener su supervivencia y rentabilidad.

⁴ Tradução própria. No original: no existe una definición única y unánimemente aceptada del concepto de convergencia.

Já quando apontamos sua funcionalidade como um sistema, entendemos-as como os resultados entre as ligações de diferentes tipos de tecnologias, não somente em seu âmbito de aparelhagem, mas também como nas áreas de produção e consumo de mídia. Sobre essa temática, entendemos que os estudos sobre os algoritmos e as suas mediações se desdobram em entendimentos da convergência. Como apontado por Orozco Gómez (*apud* Winques; Longhi, 2022), a atividade humana não é somente uma resposta aos estímulos, mas sim um trabalho de mediação pois o sujeito acaba desenvolvendo sua própria convergência ao discutir com o coletivo, mídias e formatos de comunicação. De acordo com os autores, a “recepção é sinônimo de interação, e as interações com os mediadores se multiplicam e reestruturam, no que lhe concerne, em múltiplas convergências” (Winques; Longhi, 2022, p. 154).

Por último, a convergência como processo finaliza entende que “o conceito de convergência, em vez de ser um fenômeno isolado, seria na verdade um continuum, um quadro de referência onde cada um dos mercados jornalísticos, empresas de informação e/ou meios de comunicação atingiram um certo nível de convergência” (Salaverria; García Avilés; Masip, 2010, p. 47)⁵, isto é, os fenômenos comunicacionais são compostas por diferentes percursos que possuem a convergência como seu resultado final. Assim, deve-se distinguir os processos convergentes e os efeitos da convergência, ao invés de tratá-los como semelhantes.

Para além disso, a convergência está presente em dois espaços importantes para o jornalismo: em sua produção e na sua distribuição. Quando falamos de convergência na produção, discute-se a cooperação que existe entre as redações de diferentes veículos e as interações entre os comunicadores e os meios de comunicação. Esse modelo disputa atenção nos dias atuais com as novas tecnologias de comunicação, principalmente quando discutimos a existência de IA's (Inteligências Artificiais). Isso ocorre visto que as automações promovidas modificam as dinâmicas da criação. Uma forma de caracterizar essa produção é entender o processo de midiatização.

Na visão do autor, a midiatização significa a modificação de como os sujeitos estão presentes no mundo. É uma imersão do ser humano nos fluxos midiáticos - consequentemente, de instituições, organizações, grupos,

⁵ Tradução própria. No original: la convergencia como un proceso sujeto a gradación. Así, el concepto de convergencia, en lugar de ser un fenómeno aislado, sería en realidad un continuum, un marco de referencia donde cada uno de los mercados periodísticos, empresas de información y/o medios alcanzaría un determinado nivel de convergencia.

empresas e qualquer elemento social - a ponto das tecnologias de comunicação imporem a sua forma de ser na sociedade. “A midiatização é, portanto, uma elaboração conceitual para dar conta de uma nova instância de orientação da realidade capaz de permear as relações sociais por meio da mídia e constituindo – por meio do desenvolvimento acelerado dos processos de convergência midiática” (Sodré, 2014, p. 111). É uma conexão profunda entre homem e máquina (Alves, 2023, p. 19)

Essa reflexão sobre a midiatização permite compreender que a convergência está ligada às interpretações individuais sobre os conteúdos veiculados. Outro autor que aborda sobre o tema é França (2021), o qual destaca semelhanças e diferenças entre a midiatização e a indústria cultural. Segundo ele:

O conceito de midiatização, por sua vez, busca abarcar um cenário mais amplo, que inclui a presença determinante dos meios digitais e um processo de inter-relação entre eles (convergência). O fluxo unilateral é substituído por diferentes fluxos. Problematicam-se as ideias de manipulação e alienação: os meios manipulam produtos, mas não consciências. Receptores passivos são substituídos por usuários ativos; usos diferenciados, releituras, resistências, fluxos e contrafluxos tornam os ambientes comunicacionais muito mais complexos (França, 2021, p. 31).

Isso evidencia que a indústria cultural priorizava eventos e produtos culturais específicos, geralmente mediados por veículos semelhantes - como ocorreu no auge da televisão, por exemplo. No entanto, ao pensarmos na midiatização contemporânea, observamos uma transformação significativa: os públicos passam a desempenhar um papel mais ativo na mediação dos sentidos, negociando significados em ambientes digitais marcados por algoritmos. Estes algoritmos, segundo Winkes e Longhi (2022), “tornaram-se vetores sociais e constituidores de sentido, pois tensionam e são tensionados pelas dinâmicas sociais da web (Winkes; Longhi, 2022, p. 151). Assim, a convergência e a midiatização se entrelaçam, resultando em ecossistemas comunicacionais fragmentados, dinâmicos e imprevisíveis.

Já no processo de distribuição, é nele que encontra-se a conceituação tradicional da convergência: a presença de uma mesma produção construída de formas a se adequar a diferentes plataformas de comunicação. Contudo, essa convergência também constrói diferentes dificuldades para os produtores de conteúdo jornalístico, pois, “ao mesmo tempo em que essas redes crescem, elas põe pressão sobre os media jornalísticos tradicionais no sentido de adaptar os conteúdos a audiências mais jovens, acostumadas com uma linguagem mais visual e vinculada ao entretenimento” (Mattos, 2021, p. 15).

As tecnologias digitais conectadas à internet aumentaram consideravelmente o fluxo de conteúdo e possibilitaram a uma gama muito maior de indivíduos criar e divulgar informações, por isso, é muito mais difícil controlar o fluxo de conteúdos simbólicos na web. Desta forma, na perspectiva dos estudos culturais, além da pluralidade e hibridez de perfis presentes na rede, os usos, apropriações e produções de sentidos ocasionadas por esse trânsito complexo de informações impulsionadas pelos algoritmos é dependente do contexto familiar, histórico, institucional, cultural, social e político em que o indivíduo está inserido (Winques; Longhi, 2022, p. 152)

A partir desse entendimento sobre a convergência de produção e distribuição, conseguimos discutir a respeito da presença deste conceito na produção do *Jornal Cândido* principalmente ao discutir suas alterações técnicas de distribuição. Aqui, partimos do entendimento de que a produção feita para os diferentes veículos midiáticos levam em consideração o formato no qual se quer veicular, isto é, para um jornal, seu formato é importante para compreender a sua recepção.

Nas páginas e na rede: qual é o espaço ocupado pelo *Jornal Cândido*?

“Ao contrário da tela de televisão, que pode hipnotizar um iletrado e até um animal para contemplá-la por horas a fio, a internet e as mídias sociais exigem leitura e escrita. Por outro lado, comprova-se estatisticamente que nunca esse público jovem leu tanto como hoje em dia” (Cândido, 2011 ed. 3 p. 19). A passagem demarca a discussão feita pelo próprio jornal a respeito de como as redes sociais e as tecnologias podem impactar a leitura infanto-juvenil, mas poderia muito bem discutir qualquer temática referente à convergência tecnológica já apresentada. É inegável, claro, que a mudança de um formato duplo do impresso e digital para somente virtual carrega em si alterações estruturais e conteudistas, contudo, não é possível apontar que essas variações são somente positivas ou negativas.

O jornal *Cândido* é o primeiro e único jornal especializado em literatura publicado por uma Biblioteca Pública no Brasil. Em circulação desde agosto de 2011, o periódico de tiragem mensal tem como proposta abrir espaço para conversas sobre livro, leitura, literatura e autores contemporâneos, com enfoque na literatura regional e paranaense. Durante seus 10 primeiros anos de circulação, o jornal contava com uma tiragem de 10.000 mil exemplares, que eram distribuídos de forma gratuita no espaço da Biblioteca Pública do Paraná, livrarias, museus, casas de leituras, Faróis do Saber, cafês, como parte do projeto de remissão da pena por leitura nas penitenciárias paranaense e

enviado para mailings de jornalistas e empresas correspondentes, ao mesmo tempo que era publicado na íntegra no site da BPP - em ambos os formatos, o jornal era gratuito, sem anunciantes, e se mantia através dos recursos próprios da instituição. Entretanto, com a pandemia, em agosto de 2021, o jornal anuncia que será disponibilizado apenas de forma digital.

Concebido para a leitura e distribuição em meio digitais, o projeto é um reflexo deste período de enfrentamento à pandemia e da necessidade de uma circulação mais ágil das informações. (...) Boa leitura. E compartilhe! (Cândido, 2021, ed. 121, p. 4).

A alteração permitiu que o jornal pudesse expandir sua quantidade de páginas, passando a ter uma média de 70 a 80 páginas por edição - o que antes era uma média de 40 páginas no digital, e construiu um novo editorial. Mesmo com as suas evoluções, o periódico segue um caminho contrário a aquele apontado por Mattos (2021) ao apontar que há uma dependência dos jornalistas nas plataformas “não apenas no processo de circulação das notícias, mas na própria forma como o conteúdo é criado e produzido (Nielsen & Ganter, 2018)” (Mattos, 2021, p. 2). Ao manter suas publicações ainda dependentes do repositório digital, o Cândido não segue os padrões de um “novo ambiente comunicacional” (Mattos, 2021) como outros jornais do mesmo nicho⁶.

Porém, com a pandemia, o jornal precisou criar seu próprio perfil em uma plataforma de comunicação breve, isto é, o *Instagram*. Sua primeira publicação foi feita em 17 de setembro de 2020, com a funcionalidade de apresentar o jornal e discutir que, desde o início da pandemia, o jornal passou a circular somente em formato digital, porém ainda mantinha as esperanças de retornar ao impresso.

Imagem 1 - PrintScreen do Instagram do Jornal Cândido (@candidobpp)

⁶ O Jornal Rascunho, nomeado como o Jornal de Literatura do Brasil, foi fundado em abril de 2000 pelo jornalista Rogério Pereira, também com sede em Curitiba.



Fonte: A autora (2024)

Quando discutimos redes sociais digitais, estamos nos referindo às plataformas de disseminação de conteúdos tanto de valor pessoal, como perfis para amigos e famílias, quanto por empresas de diferentes portes e conteúdos para aumentar o seu alcance - o próprio Cândido sendo prova disso. O perfil não apresenta grande alcance em sua primeira publicação, com apenas 34 curtidas e um comentário, o que demonstra uma falta de fidelização de seu público consumidor e de divulgação destes perfis. Segundo Longhi & Pagoto (2021), para além das mudanças na forma de consumir notícias, as redes sociais digitais também atravessam as rotinas de produção e construção das notícias, a apuração e o tempo pelo qual a notícia ainda se mantém atual.

Aqui, após a apresentação e discussão dos conceitos, retomamos a importância de discutir o motivo pelo qual o periódico ainda valoriza seu formato físico impresso mesmo com o digital em vigor. Falar sobre jornalismo é falar também sobre suas características, principalmente aquelas apontadas por Groth (2011), como periodicidade, atualidade, publicidade e universalidade. Ao manter um periódico com formato padrão, o seu conteúdo acaba garantindo uma legitimação já inicial, visto o contexto histórico que também acompanha essa forma de comunicação. Explico, quando falamos da veracidade de uma matéria jornalística, por exemplo, acaba sendo mais comum que a população acredite naquilo que está impresso à legitimar aquilo que vem apenas no digital.

Outro ponto importante é garantir um acesso mais filtrado do conteúdo, uma vez que no formato impresso os conteúdos apresentam uma quantidade de páginas e espaço já pré-definidos, o que no digital perde importância. Assim, ao ler uma matéria impressa, o leitor se depara por uma maior hierarquia de conteúdo, com somente aquilo

que é mais importante disposto na página de forma clara e coesa. Entretanto, o digital permite uma maior universalidade de conteúdo, pois garante o acesso a qualquer indivíduo interessado, o que é valorizado em jornais com conteúdos específicos como no caso da literatura. Ainda, a popularização dos conteúdos ‘nichados’ garante ainda a perpetuação desse tipo de jornalismo que é, de certa forma, independente de publicidades e patrocinadores e necessita de uma comunidade engajada para continuar a sua publicação.

Conclusões

O artigo em questão buscou discutir a importância das conceituações de convergência midiática, principalmente no que diz respeito a um periódico impresso que passou a ser digital. Como forma de exemplificar esse conteúdo, o trabalho teve como objeto empírico o Jornal Cândido, um jornal especializado em literatura publicado pela Biblioteca Pública do Paraná. Para isso, fez-se necessário revisar a conceituação teórica de convergência com base na literatura disponível neste artigo. Define-se convergência como os fluxos de conteúdos dentro de diferentes formatos e plataformas e também a relação do público consumidor aos meios de comunicação. Isto é, a convergência não discute somente a relação das notícias com os seus formatos específicos, mas também como o leitor interage com esse tipo de conteúdo.

É através desta conceituação que entendemos as propriedades da convergência e qual o papel ocupado na sociedade contemporânea. Vemos a convergência em dois espaços principais na comunicação: a sua produção e a sua distribuição, ambas importantes para o funcionamento do jornalismo. Também foi abordado o conceito de mediatização, que descreve como os sujeitos estão imersos nas dinâmicas comunicacionais atuais.

Por fim, o trabalho também permitiu discutir os espaços ocupados pelo Jornal Cândido na rede e na vida real. O periódico mensal parou de ser produzido de forma impressa em 2021, o que garantiu uma mudança na forma que era feito o jornalismo até o momento. Contudo, mesmo com a tiragem somente no digital, o jornal ainda manteve o formato característico de uma produção impressa, removendo somente a limitação de páginas. É a partir desse entendimento que podemos discutir o motivo pelo qual as características do jornalismo impresso ainda permanecem no digital, problema de

pesquisa inicial deste estudo. Essa permanência garante a legitimidade do conteúdo produzido por aquele que é conhecido por ser o primeiro e único jornal especializado em literatura produzido por uma biblioteca pública, além de participar dos estudos de convergência uma vez que o conteúdo é produzido para diferentes formatos mas com uma finalidade em mente: comunicar.

Referências

- ALVES, Raphael Bonini. **Sociedade em midiatização**. In: A notícia no século XXI: a reconfiguração do jornalismo na sociedade em midiatização (tese). Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, 2023. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/243729/alves_rb_dr_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 20 dez. 2024.
- CÂNDIDO, Curitiba, n.º 1-156, ago. 2011-nov. 2024. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Edicoes-Publicadas>. Acesso em: 3 de jan. 2025.
- GROTH, O. **O poder cultural desconhecido: fundamento da Ciência dos Jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LONGHI, Raquel; PAGOTO, Lia. Jornalismo efêmero: o uso de stories do Instagram pela Folha de S.Paulo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 121-132, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/75484>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA AVILÉS, José Alberto; MASIP, Pere. **Concepto de Convergencia Periodística**. In: LÓPEZ GARCÍA, X.; PEREIRA FARIÑA, X. Convergencia Digital. Reconfiguración de los Medios de Comunicación en España. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2010. p. 41-64. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/server/api/core/bitstreams/3bb7c5f6-5721-4805-b6bc-e539d117100c/content>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- WINQUES, Kérley; LONGHI, Raquel Ritter. Dos meios às mediações (algorítmicas): mediação, recepção e consumo em plataformas digitais. **MATRIZES**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 151-172, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/183743>. Acesso em: 18 dez. 2024.
- FRANÇA, Vera Veiga. Alcance e variações do conceito de midiatização. In: FERREIRA, Jairo; GOMES, Pedro; BRAGA, José Luiz; et al. (Eds.). **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiatização**. 1. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/39829/1/veraAlcanceVariacoes.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2024.